

COLUNA

ỌJÀ DI ILÈ AXÉ: BÈMBÉ, TAMBOR NEGRO QUE TOMOU A PRAÇA NO CARNAVAL DA BEIJA-FLOR DE 2026

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

Eliezer Gonçalves Cordeiro²

No universo das escolas de samba, a escolha de um enredo é a definição de um tema para o desfile e adjunto disso um ato político-estético e de afirmação identitária. Para o Carnaval de 2026, a Beija-Flor de Nilópolis, escola que carrega a responsabilidade de defender seu título de campeã novamente, fez uma opção poderosa escolhendo levar para a Avenida o Bembé do Mercado, o único candomblé de rua do mundo. Ao anunciar que vai celebrar essa manifestação centenária de Santo Amaro da Purificação, na Bahia, a escola apresenta um tema afro-brasileiro e o coloca no centro do maior espetáculo da Terra uma narrativa sagrada. O Bembé é uma festa. Nascida em 13 de maio de 1889, exatamente um ano após a Abolição da Escravatura, sua origem é um grito de alegria e afirmação dos libertos. Liderados

¹ Graduado em Letras (UFRRJ); Mestre em Educação (UFRRJ); Mestre em Artes (UERJ); Doutor em Educação (UFRRJ); Professor Adjunto no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

² Graduado em Pedagogia (UNIFACVEST); Graduando em Artes (UNIFACVEST); Mestrando em Educação (UFRRJ); Professor Substituto no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da UERJ.

pelo pai de santo João de Obá, eles saíram às ruas não para pedir, mas para agradecer aos orixás pela conquista da liberdade e oferecer presentes à Mãe D'água. Esse ato fundador já carrega a essência do que seria o Bembé ao longo de 136 anos, se configurando como uma celebração pública da fé de matriz africana, um patrimônio cultural imaterial do Brasil reconhecido pelo Iphan em 2019. Como registrou o parecer do Conselho Consultivo do Iphan, o Bembé é um "valioso documento histórico da trajetória do povo negro, da sua resistência à escravidão... e da maneira como inventaram um sentido próprio de poder e liberdade".

Ao optar por esse enredo, a Beija-Flor se insere em uma tradição crescente no Carnaval brasileiro, usando a avenida como plataforma para aprofundar os laços com a ancestralidade africana. Não se trata de uma novidade isolada. Nos últimos anos, escolas como a própria Beija-Flor, que em 2015 homenageou a Guiné Equatorial, e a Imperatriz Leopoldinense, que celebrou Nelson Mandela, têm ampliado ativamente a exposição das culturas dos 54 países africanos. É uma tendência que dialoga com o desejo do público por mais conhecimento e conexão com o continente-mãe. O enredo de 2026, porém, vai além da referência geográfica; mergulha na essência espiritual e na inventividade cultural que a diáspora africana gerou em solo brasileiro. O samba-enredo, compasso que guiará toda a coreografia na Sapucaí, já deixa clara a potência do tema. Com versos como "Não me peça pra calar minha verdade / Pois a nossa liberdade não depende de papel", ele estabelece desde o início o tom de autoafirmação. A letra é um verdadeiro roteiro poético do ritual, mencionando desde a figura do griô João de Obá até a entrega dos balaies às Yabás (Iemanjá e Oxum), passando pela força do Xirê (a roda de canto e dança) e a proteção dos ebós. O refrão "Deixa girar que a rua virou Bembé" é um belo convite, sendo a síntese do que será o desfile, a transformação do asfalto da Marquês de Sapucaí no Largo do Mercado de Santo Amaro, um espaço sagrado de celebração popular.

O Largo do Mercado de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, constitui-se historicamente como um dos espaços mais expressivos da formação social,

www.africaeaficanidades.com.br

econômica e cultural da cidade, estando profundamente imbricado com a presença e a experiência do povo negro desde o período colonial. Santo Amaro foi um dos principais polos da economia açucareira da Bahia, articulado ao porto do rio Subaé, por onde circulavam mercadorias, pessoas e, de modo central, africanos escravizados. O largo, associado ao mercado e às áreas de comércio, funcionava como um espaço de trocas materiais e culturais, sendo frequentado majoritariamente por negros escravizados, libertos e seus descendentes, que ali trabalhavam como carregadores, vendedores, quituteiras, artesãos e pequenos comerciantes. Para além de sua função econômica, o largo operava como lugar de sociabilidade negra, onde se construíam redes de apoio, circulação de saberes, práticas culturais e estratégias de sobrevivência em uma sociedade profundamente marcada pela escravidão e pelo racismo.

Ao longo do século XIX, especialmente com o crescimento da população negra livre e liberta, o mercado e seu largo tornaram-se espaços fundamentais para a economia popular urbana, fortemente sustentada pelo trabalho negro. As mulheres negras tiveram papel central nesse processo, sobretudo por meio do comércio de alimentos, prática que articulava heranças africanas, conhecimentos culinários e autonomia econômica relativa. Esses espaços, embora vigiados pelo poder colonial e, posteriormente, pelas autoridades imperiais e republicanas, também eram territórios de resistência cotidiana, nos quais a população negra afirmava modos próprios de existir, falar, negociar e ocupar a cidade. O Largo do Mercado deve ser compreendido como um equipamento urbano, como um lugar de memória da escravidão, da pós-emancipação e das continuidades das desigualdades raciais. Ocupar hoje, de forma cultural e politicamente consciente, espaços como o Largo do Mercado de Santo Amaro é importante e estratégico, sobretudo quando se compreende que esses territórios carregam uma memória negra historicamente silenciada e, mais recentemente, disputada por projetos religiosos que operam também como projetos de poder. A crescente ocupação de espaços públicos pelo evangelicalismo pentecostal em diversas cidades brasileiras — visível em eventos de grande escala, como shows gospel em Copacabana, marchas

religiosas e cultos ao ar livre apoiados por governos — não pode como expressão de fé porque há uma reconfiguração simbólica do espaço público, que tende a apagar ou subordinar outras matrizes culturais, especialmente as de origem africana. Trata-se de uma ocupação que frequentemente se apresenta como neutra ou inclusiva, mas que, na prática, carrega uma lógica moralizante, exclusivista e, muitas vezes, explicitamente hostil às religiões de matriz africana e às expressões culturais negras que delas derivam.

Nesse contexto, a disputa cultural pelo espaço público torna-se uma disputa pela legitimidade e pelo direito de existir. Quando um largo historicamente constituído pelo trabalho, pela religiosidade e pela sociabilidade negra passa a ser hegemonizado por discursos que demonizam o candomblé, o samba, o corpo negro e suas formas de celebração, o que está em jogo é um processo de colonialidade renovada, agora travestida de avivamento religioso. A crítica à ocupação evangélica não é, portanto, uma crítica à crença individual, mas ao uso sistemático da religião como instrumento de apagamento cultural e de reorganização moral do espaço público, frequentemente com o respaldo do Estado e da indústria cultural. O caso de Copacabana é emblemático porque revela como símbolos nacionais e espaços plurais são convertidos em vitrines de um único discurso religioso, enquanto manifestações afro-brasileiras continuam a enfrentar obstáculos, criminalização indireta e estigmatização. A proposta da Beija-Flor para 2026, ao homenagear o Bembé do Mercado de Santo Amaro, assume um viés político e necessário. Ao anunciar que levará o Bembé do Mercado para a Marquês de Sapucaí em 2026, a Beija-Flor afirma também que irá ocupar a própria tela da televisão — hoje um dos principais espaços de disputa simbólica do país — com uma narrativa negra, afro-religiosa e pública, em frontal contraste com a hegemonia crescente de discursos religiosos conservadores veiculados cotidianamente pelos grandes meios de comunicação. A transmissão do desfile será um espetáculo carnavalesco e uma devida ocupação imagética. Trata-se de uma reocupação do espaço midiático, historicamente pouco aberto às religiões de matriz africana, que frequentemente aparecem apenas sob o signo da exotização, do silêncio ou da demonização.

Esse gesto dialoga de modo direto com a proposta da Portela, que também se volta para o mercado como lugar central da experiência afro-brasileira, ao evocar o Bará do Mercado Público de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Assim como o Bembé em Santo Amaro, o Bará do Mercado gaúcho constitui um ponto de ancoragem da religiosidade de matriz africana no espaço urbano, articulando comércio, circulação, proteção espiritual e memória negra em um território que, à primeira vista, costuma ser imaginado como distante da negritude. A coincidência temática entre as duas escolas não é fortuita: ela revela um movimento mais amplo do carnaval carioca de reinscrever os mercados — lugares de troca, trabalho e sociabilidade negra — como centros simbólicos da diáspora africana no Brasil. A decisão da Beija-Flor ecoa, ainda, precisamos destacar, em escala global, a força dos carnavais como expressão da diáspora africana. Da mesma forma que o Notting Hill Carnival, em Londres, surgiu como resposta da comunidade caribenha ao racismo e à marginalização, tornando-se um símbolo de orgulho cultural, o Bembé do Mercado nasceu como uma celebração da liberdade conquistada. Em Nova Orleans, o Mardi Gras é marcado pelas tradições afro-americanas, visíveis nas Second Lines e nos ritmos de jazz, demonstrando como a cultura molda identidades urbanas. Na África, carnavais como o de Dakar, no Senegal, ou o de Bissau, na Guiné-Bissau, usam a festa para valorizar o patrimônio local e até para veicular mensagens sociais, como campanhas de vacinação, um pouco diferente do nosso, mas muito valioso do ponto de vista social. O enredo da Beija-Flor, portanto, conecta-se a essa rede mundial de celebrações que têm, no seu cerne, a cultura africana como fonte de vitalidade e crítica social, negando sempre a história única!

O desafio e a beleza do desfile de 2026 estarão em traduzir para a linguagem grandiosa do Carnaval carioca a complexidade e a profundidade de um ritual como o Bembé. Será preciso materializar em alegorias, adereços e coreografias a riqueza dos três dias de festividade, sendo a cumeeira sagrada de Xangô, erguida na abertura; o silêncio e o branco reverenciados no dia de Oxalá; a multidão em procissão levando oferendas para Iemanjá no mar e para Oxum no rio. Como representar visualmente a ideia de que, no Bembé, não há

incorporação, pois se trata de uma cerimônia pública onde a fé se manifesta no canto, na dança e no toque do atabaque? Como contar, no curto tempo de um desfile, uma história que atravessa séculos de perseguição religiosa, adaptação e resistência, como no período da década de 1950, quando o ritual precisou ser realizado dentro dos terreiros para depois retornar, triunfante, às ruas? Em fevereiro de 2026, quando a bateria da Beija-Flor ecoar os toques de axé funfun e a primeira ala desfilando cantando "Laroyê, Beija-Flor, alafíá", não será apenas mais um desfile de Carnaval. Será a celebração de uma memória viva, um ritual de rua em escala monumental, um capítulo crucial da história negra brasileira sendo reescrito com glitter, plumas e muita, muita resistência. A rua, de fato, vai virar Bembé. Vamos ao samba-enredo...

*Não me peça pra calar minha verdade
Pois a nossa liberdade não depende de papel
Em Santo Amaro, todo treze de maio
Nossa ancestralidade é festejada à luz do céu

É é... João de Obá, griô sagrado
É é... herança viva no mercado
Cantando, saudamos a nossa fé
Às nações do candomblé

É sagrado o respeito!
Ressoa no coro o axé funfun
Não tememos ataque algum
A rua ocupamos por direito

Põe erva pra defumar
Um ebó pra proteger
Saraiéié Bokunan, saraiéié!

Nosso povo é da encruza
Arte preta de terreiro
É mistura de cultura
Multidão de macumbeiro*

www.africaeaficanidades.com.br

*O povo gira no xirê, a celebrar...
O axé se espalha em cada canto, em cada olhar
Transborda magia no toque do tambor
Às Yabás, o balaio e o amor...*

*Yemanjá alodê no mar (no mar)
É d'Oxum toda beleza do ibá
É reza no corpo, é dança na alma
A rosa, a palma, o Omolucum...*

*É Dona Canô de todo recanto
Evoco a Baixada de Todos os Santos!
Atabaque ecoou, liberdade que retumba
Isso aqui vai virar macumba!*

*Deixa girar que a rua virou bembé
Deixa girar que a rua virou bembé*

*O meu egbé faz valer o seu lugar
Laroyê, Beija-Flor, Alafiá!*

(Beija-Flor, 2026)